

## SELETA

### O BRASILEIRO VISTO POR UM BOTÂNICO ALEMÃO

G. W. FREYREISS

O brasileiro não é tão desconfiado como o português, é mais cordial e muito menos traiçoeiro; é orgulhoso, mas amável para com os estrangeiros, exceto quando julga encontrar um inimigo da sua nação. Por isso um alemão, um sueco ou um russo é geralmente melhor recebido do que um espanhol, um inglês ou um francês. Excessivas são, porém, as promessas dos brasileiros e não se deve acreditar em tudo quanto dizem, mesmo depois de ter-lhes prestado algum serviço; pelo menos corre-se o risco de ser tido como pessoa sem maneiras. E também mais por cortesia do que por boa vontade que o brasileiro oferece ao estrangeiro a sua casa e tudo quanto possui ou quando ele diz ser “Vosso criado” ou “estou ao Vosso serviço para tudo e para sempre”. Esta cortesia excessiva torna-se até ridícula porque vê-se-o muitas vezes oferecer objetos que nem lhe pertencem.

No modo de viver e mesmo em religião o brasileiro é muito mais tolerante do que o português; encontram-se, porém, relativamente ao último ponto, especialmente nas vilas e nos povoados do interior, muitas exceções. Aí o estrangeiro faz bem em seguir os costumes do lugar. A superstição torna isso muito necessário como tive oportunidade de verificar um dia num povoado. Era por ocasião da saída de uma igreja onde eu tinha assistido à missa. Um patricio meu queria mostrar-me a sua amizade e, como de costume, espargir-me com água benta. Infelizmente, porém, eu não tinha compreendido a sua intenção, de modo que eu recuava bruscamente quando senti a água fria no meu rosto ardendo. Como eu era

o único estrangeiro no lugar, todos reparavam em mim e imediatamente espalhou-se o boato de que eu, por causa do medo que tinha mostrado, estava possuído de um espírito maligno, a quem a água benta horrorizava. O caso chegou a tal ponto que de tarde mandaram-me um padre para salvar a minha pobre alma, preferindo eu, porém, abandonar para sempre e de noite aquele lugar.

A imaginação vivíssima do brasileiro leva-o muitas vezes ao exagero e é igualmente freqüente que ele explique o que não conhece, por simples fantasia. Assim, por exemplo, há uma porção de pássaros cuja voz ele acha parecida com a sua língua. Isto é muito exagerado, apesar de haver alguma razão para isso, porque existem efetivamente pássaros que “falam” algumas palavras distintas, de modo a parecer que a Providência desde o começo destinou o português para ser senhor do Brasil.

Dar regras gerais para usos e costumes ou observações sobre isto, em parte alguma é mais difícil do que aqui, onde eles são mais diversos ainda do que as cores da população. Há, porém, dois extremos na vida em que os homens pouco divergem entre si, os quais são a alegria e a dor, as festas e o luto. Entre as festas merece menção a dança brasileira batuque. Os dançadores formam roda e ao compasso de uma viola move-se o dançador no centro, avança e bate com a barriga no outro na roda, de ordinário pessoa de outro sexo. No começo o compasso da música é lento, porém, pouco a pouco aumenta e o dançador do centro é substituído cada vez que dá uma umbigada; e assim passam noites inteiras. Não se pode imaginar uma dança mais lasciva do que esta, razão também porque tem muitos inimigos, especialmente entre os padres. Assim, por um exemplo, um padre negou a absolvição a um seu paroquiano, acabando desta forma com a dança, porém, com grande descontentamento de todos. Ainda há pouco dançava-se o batuque em Vila Rica numa grande festa e na presença de muitas senhoras que aplaudiam freneticamente. Raro é ver outra dança no campo, porém, nas cidades as danças inglesas quase que substituíram o batuque.

O brasileiro é sério, e raro é vê-lo alegre; de noite, porém, ao som da guitarra, mostram os homens o seu grande talento para a música e as mulheres para o canto. Raras vezes, porém, ajuntam-se os vizinhos e

mesmo neste caso não se observa aquela cordialidade que tanto embeleza a nossa sociedade.

Além dos trabalhos para a subsistência, que nos brasileiros abastados são efetuados exclusivamente pelos escravos, ocupa-se o brasileiro especialmente com a caça e poucos países há onde existam tantos e tão apaixonados anadores dela, como aqui. É preciso observar o brasileiro para formar uma idéia verdadeira da sua resistência às fadigas. Dias inteiros atravessa ele as densas florestas das serras, onde, geralmente, a cada passo é necessário abrir caminho a facão e isto sem outro alimento mais do que um pouco de farinha e carne seca. Esta paixão pela caça é de algum modo útil para o Brasil, porque resulta daí excelentes atiradores, que na ocasião em que o Brasil precisar da sua milícia, à qual todos os brasileiros pertencem, terá deles o maior auxílio e utilidade.

O brasileiro é sóbrio, mais ainda no beber que no comer e, com efeito, talvez em nenhum outro país haja tão poucos bêbados como no Brasil. Outros vícios são, por isso, mais freqüentes.

Os trabalhos das mulheres, que pouco se preocupam com os arranjos da casa, entregues às escravas, são de costura, bordados e a confecção de flores artificiais e artefatos de casa. Em todos eles mostram não só bom gosto como muita habilidade. Pode-se, muitas vezes, censurá-las do pouco amor que revelam pelos maridos ou filhos. Distinguem-se, porém, pela grande fecundidade e raras vezes sucumbem no parto, o que de certo depende do clima e do traje. O vestuário delas é muito preferível ao das nossas mulheres, porque visa mais à comodidade do que à forma e, de fato, poucas brasileiras há que conhecem o espartilho e menos ainda as que usam dele.

Na cidade o vestuário dos dois sexos é o europeu, porém, sem tantas modificações como no nosso país, em consequência da moda. No campo o vestuário é, às vezes, original: um grande chapéu de feltro, as botas pardas afiveladas acima do joelho, com grandes esporas de prata, e o jaquetão curto dão ao mineiro abastado do campo uma certa importância. Os pobres em Minas Gerais vão sempre descalços e, quando montam a cavalo, amarram as grandes esporas de ferro diretamente nos pés.

No campo, as habitações são tão uniformes como o vestuário. As casas são pela maior parte de um só andar e com muitas portas, mas

poucas janelas em relação, e quase sempre sem vidraças. É muito comum ver uma varanda aberta na frente da casa, onde se tomam as refeições. Há também várias dependências para o fabrico do açúcar e da aguardente, construídas de tijolos. Não é raro encontrar-se uma capela para a missa, principalmente nas fazendas grandes. Os escravos moram em casinhas de barro, perto da casa da fazenda.

**(Viagem ao interior do Brasil, 112-116).**